

# Aula 2

## A FILOSOFIA E A EDUCAÇÃO

### **META**

Abordar a importância da reflexão filosófica para a educação.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Ampliar o conceito de educação;

Entender a importância da disciplina Filosofia da Educação na formação docente;

Apresentar um breve resgate histórico da educação no Brasil.

**Gláucia da Conceição Lima**  
**Glauber Santana de Sousa**

### INTRODUÇÃO



Prezado/a aluno/a,

Conhecer a Filosofia e sua relação com a educação nos permite tentar compreender de maneira mais crítica e reflexiva o fenômeno educativo, que é apontado como sendo universal e social, de acordo com Libâneo (1993). A concepção de educação que iremos adotar no desenvolvimento de nossas atividades docentes, que tipo de homem queremos formar e qual o nosso papel enquanto educador/a são questionamentos que devemos tentar elucidar, considerando a importância da educação para a vida humana. Isto pode ser realizado com auxílio das análises filosóficas, as quais servem de base para possíveis melhorias no sistema de ensino. Só para lembrar, a Filosofia surge na Grécia Antiga e etimologicamente significa “amor à sabedoria”, sendo considerada a mãe de todas as ciências. Portanto, discutiremos este tema a partir da leitura do artigo do Prof. Valdemir Guzzo. É importante que vocês tentem articular os conceitos de educação por ele apresentados com os conceitos da aula anterior.

### A REFLEXÃO FILOSÓFICA NA EDUCAÇÃO

Valdemir Guzzo  
Mestre em Educação

O ofício docente na disciplina Filosofia da Educação pressupõe dialogar com alunos de diferentes cursos universitários, especialmente nas Licenciaturas, que não pretendem, em geral, dirigir seus estudos para uma formação filosófica mais especializada. No entanto, o exercício da reflexão poderá contribuir para o desenvolvimento de uma geração de educadores conscientes dos temas que envolvem suas ações na educação, com a capacidade de formular de maneira reflexiva suas questões e de procurar elementos próprios para sua solução.

Tenho procurado junto aos meus alunos a cada início de semestre, buscar conceitos de Filosofia trazidos de sua escolarização básica ou da vivência na prática escolar, ou ainda, no dia-a-dia. As respostas, obtidas junto a calouros, em sua maioria, demonstram que a Filosofia é pouco conhecida conceitualmente e vista de maneira muito distinta por aqueles que não convivem com o pensamento filosófico.

Com relação à consulta, respostas como: “não sei, nada conheço de Filosofia”; “é a não aceitação de uma resposta única”; “está presente no dia-a-dia”; “algo novo que gostaria de conhecer”; “procura entender o ser humano”; “é o estudo do conhecimento”; “não tenho ideia”; “nunca gostei de Filosofia”; “estuda os grandes pensadores”, trazem dúvidas em relação aos objetivos e eficiência do estudo da disciplina no Ensino Fundamental e Médio e poderíamos nos interrogar aqui, a respeito de como é tratada a Filosofia no Brasil.

Historicamente a influência estrangeira trouxe consigo a dominação cultural. A preocupação dos pensadores, pela colonização de nossa cultura, foi estranha em relação à ela. A filosofia assim praticada no Brasil não reflete estudos dos problemas internos tornando-a distante da realidade. Provavelmente o desinteresse dos estudantes das Licenciaturas, de um modo geral, possa se evidenciar por não se voltar a Filosofia para os problemas históricos da vida do país, dentre eles os políticos, os educacionais e os relacionados à própria educação, produzindo estudos abstratos, distantes e de difícil compreensão. Como então motivá-los a estudar uma disciplina que, na compreensão da maioria iniciante, vive retirada do mundo, distante do concreto, do cotidiano, estando disponível para “preencher currículo”?

Poderíamos nos interrogar sobre a função da Filosofia no processo educacional e nos processos de ensino e aprendizagem. Poderíamos também estabelecer relações entre os sistemas filosóficos e as teorias educacionais e ainda como nos atos de ensinar e aprender se efetiva o ato de educar e como educar, na compreensão de Santos, “implica uma dimensão radicalmente ética e política” (2004, p.46).

Para que se estabeleçam essas relações poderíamos iniciar passando da atitude do senso comum para uma atitude reflexiva, crítica e filosófica. A Filosofia da Educação não se limita apenas ao estudo de textos filosóficos, pois, poderiam no primeiro momento, afastar a compreensão e o direcionamento para estudos mais abrangentes. A ela cabe então investigar as questões relevantes que dizem respeito a um que-fazer humano: a educação. É também por ela que o educador poderá adquirir pressupostos e conceitos, gerais ou específicos, que fundamentem uma boa argumentação docente, passando da educação do senso comum para uma atitude crítica e filosófica em relação às questões que envolvem o ensino e os processos educacionais.

Diante da diversidade de conceitos relacionados à Filosofia registrados pelos estudantes, acredito essencial estabelecer alguns parâmetros para bem desenvolver a compreensão do tema e entender o ponto de partida

esteja relacionado ao estudo das origens, do sentido e das relações que se possam estabelecer entre a Filosofia e a Educação.

### A EDUCAÇÃO

A educação como meio de transmitir a visão de mundo, num processo de perpetuação da cultura, já se manifestava juntamente com a formulação das primeiras teorias filosóficas. Os primeiros filósofos do Ocidente tiveram preocupação com o aspecto educacional. Os pré-socráticos, os sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles apresentam sua argumentação no sentido do auto-desenvolvimento de cada um a partir da educação. A educação para os gregos pertencia por essência à comunidade, não sendo propriedade individual e, sim, resultado da consciência viva de uma norma a que rege, promovendo a participação na vida e no crescimento da sociedade. Para esse povo, conforme Jaeger,

uma educação consciente pode até mudar a natureza física do Homem e suas qualidades, elevando-lhe a capacidade a um nível superior, conduzindo a descoberta de si mesmo e criando, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, melhores formas de existência humana (1995, p. 3).

O ato de educar pode então ser conceituado como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais, ocorrendo essa interação

tanto no nível do intrapessoal como no nível da influência do meio, interação essa que se configura numa ação exercida sobre sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida (ARANHA, 2002, p. 50).

Pelo seu trabalho o homem faz cultura. Transforma a natureza e a si mesmo. Mediante a educação aperfeiçoa suas atividades, fator para sua humanização e socialização. A educação não consiste apenas na transmissão dessa herança cultural, mas num processo de constante ruptura e de reorganização do velho. Vida e educação estão imbricadas, sem antecedência ou posterioridade, aos demais fenômenos como o social, o político e o cultural. A educação pode então ser também entendida como elemento integrado ao processo social e histórico não permitindo seu distanciamento da família e da sociedade.

A educação está em todos os lugares, dentro e fora da escola. O texto de Brandão diz bem dos lugares de presença da escola:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação (2001, p.7).

A escola não tem o privilégio de lugar único para a tarefa da educação formal por não poder ignorar a cultura do aluno, compreendendo o mundo e o meio em que vive. Vista como fato isolado, a escola e a educação estão muito provavelmente no centro das crises observadas no ensino ao longo das últimas décadas. Das experiências iniciais fragmentadas e confusas o educando vai ser levado a um processo de organização dessas experiências possibilitando-lhe o desenvolvimento integral que é o de sua capacidade física, intelectual e moral visando desenvolver habilidades, o caráter e a personalidade social.

Na Grécia antiga a educação passou do preparar o guerreiro para a formação do cidadão. Para Aristóteles a educação deve ter fim pacífico e a “educação das crianças se revela um dos primeiros cuidados do legislador” (1991, p.65).

Na Idade Média os valores terrenos eram submetidos aos divinos, considerados superiores. Quais seriam os fins da educação no mundo de hoje? A educação vem passando milênios com o objetivo de formar o homem para assumir-se integralmente, portanto, autogovernar-se. A autogestão é a “tradução moderna da Paidéia” (GADOTTI, 1995, p.107). Na educação antiga havia a preocupação com a formação do homem integral. Na moderna, para Gadotti (1994), “o pressuposto básico é a hegemonia, a universalização de sua visão de mundo. O pressuposto básico da educação pós-moderna é a autonomia, capacidade de autogoverno de cada cidadão” (p.32). Para Rousseau os objetivos da educação comportam dois aspectos: o desenvolvimento das potencialidades naturais da criança e seu afastamento dos males sociais. A educação deveria ter aspectos progressistas, de forma que cada etapa do processo pedagógico devesse ser adaptada às necessidades individuais do desenvolvimento.

Quem é o educador e quem é o educando no contexto escolar? Como docentes nos perguntamos em algum momento do ofício o real significado dessa atividade ou, ainda, quem é o educando e qual o seu papel no processo de construção do conhecimento?

Para ser professor, para os dirigidos pelo senso comum basta apresentar certo conteúdo, estar em sala de aula com alunos, avaliá-los e administrar alguns outros aspectos, como limites e disciplina. A atividade docente, segundo Luckesi

tornou-se uma rotina comum, sem que se pergunte se ela implica ou não decisões contínuas constantes e precisas, a partir de

um conhecimento adequado das implicações do processo educativo na sociedade (1994, p. 97).

Para Ruben Alves professores há aos milhares e professor é profissão e educador não é profissão, é vocação. Para ele, os educadores habitam

um mundo em que o que vale é a relação que os ligam aos alunos, sendo que cada aluno é uma 'entidade' 'sui generis', portador de um nome, também de uma 'história', sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso que se estabelece a dois (1986, p. 18).

E qual então a dimensão do educando? Na escola tradicional, como chamamos um modelo de ensino vivenciado há algumas décadas e não arraigado totalmente de nossas escolas, o educando está ali para receber instruções, ser avaliado e aprovado ou não ao final de um período de estudos, aparecendo como elemento dependente das ações dos professores. Incapaz de criar ele necessita reter e repetir conteúdos prontos, acabados, tendo pouco ou nenhum espaço para expressar sua criatividade. Qual escola propicia a seus alunos a oportunidade de criação, de desenvolvimento do seu modo de pensar para além dos conteúdos didáticos? Seu campo de atuação e ação parece limitado por barreiras intransponíveis ditadas por regulamentos docentes ou oriundos da entidade mantenedora. O educando extrapola esses conceitos do senso comum. Tem inteligência reflexiva de difícil mensuração, com habilidades e capacidade de conhecimento que dependem muito de sua experiência de vida patrocinada especialmente pelo seu ambiente social. Compreender o educando para propiciar-lhe uma educação para a vida requer a compreensão quanto a sua autonomia, quanto à sua criatividade e quanto à sua capacidade de tomar decisões. Tanto o educador como o educando, são sujeitos ativos que, pela práxis se constroem ao mesmo tempo em que se alienam. Como humanos, pertencem a uma sociedade e, ao educador, cabe o papel de criar condições para que o educando aprenda e se desenvolva. Nessa perspectiva teríamos dificuldades para determinar com relativa proximidade os fins da educação na contemporaneidade. Que valores encontram-se hoje associados ao processo? Para Aranha, "é inadequada a procura de fins tão gerais, válidos em todo o tempo e lugar" (2002, p.51).

Em sociedade com estruturas organizacionais tão divergentes em relação a interesses de classes, os fins não podem ser abstratamente considerados. Baseiam-se, portanto, em valores provisórios "que se alteram conforme alcançamos os objetivos imediatos propostos e também enquanto muda a realidade vivida" (idem, p. 52).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 23 de dezembro de 1996 traz, em seu Título II, art. 2º. Dos princípios e fins da educação nacional, o seguinte texto:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Caberia a indagação: em que consiste essa formação? Que ações seriam necessárias para torná-la efetiva? Sobre que valores seria construída?

O conceito de cidadania vem sofrendo mudanças. No mundo moderno o exercício da cidadania implica a possibilidade de cada indivíduo participar das esferas da vida pública. Para propiciar essa oportunidade de vivência na vida pública é fundamental que nosso jovem tenha a capacidade de refletir, tomando posição diante dos diferentes problemas que afetam a vida social e sua vida pessoal.

Para Santos,

é importante que a escola desenvolva em seus alunos habilidades de pensamento crítico, incluindo a capacidade de analisar e solucionar problemas. Seria ainda de fundamental importância que, nessa escola, fossem formados valores sociais relacionados ao homem e à natureza, valores que orientassem os jovens no sentido do respeito à vida humana e às diferenças culturais (1997, p. 26).

Outro objetivo não menos essencial ao desenvolvimento educativo é o da re-significação e enriquecimento dos valores culturais e morais comuns. Sobre esses valores, “os indivíduos e a sociedade fundamentam sua identidade e a sua dignidade” (TORRES, 2001, p. 19).

Um programa de ensino pode ser viabilizado em uma escola a partir de uma definição precisa de seus fins e esta implica em seguir determinada direção. Há a possibilidade de distinguir-se o individual do coletivo, o público do privado. Existem códigos morais que permitem essa distinção e que possibilitam a convivência a partir de normas que valorizem o homem e o bem-estar social.

O processo educativo é uma totalidade e uma educação escolar organizada e transmitida em sala de aula tem os componentes da educação que se realiza na família, na rua, na Igreja e nas comunidades.

Para uma formação que valorize o homem e o bem estar social é importante que a escola se organize como um amplo espaço para estudos, como espaço democrático, possibilitando pelo diálogo e pelo questionamento crítico, uma educação efetivamente emancipatória compreendendo que ela é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que nos dizeres de Freire:

além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora, nem apenas desmascaradora da ideologia dominante (1997, p. 110-111).

Se pretendermos construir um projeto educacional comprometido com a formação do cidadão, alguns aspectos do currículo da formação de professores ganham importância. Dentre eles está o fato de que o currículo não apenas dissemina os conhecimentos repassados em diversas disciplinas, mas forma objetivamente ao criar predisposições e formas de raciocínio. Qual então o sentido de uma Filosofia da Educação? Em que a Filosofia poderá nos auxiliar na compreensão dessa atividade estritamente humana e entender o fenômeno da educação? Para uma reflexão inicial necessitaríamos revisitar alguns conceitos de Filosofia.

### POR UMA FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO

No início de todo estudo de Filosofia surgem inevitavelmente indagações sobre o que ela é. Ao buscarmos conceitos percebemos a existência não apenas de um, mas de vários significados atribuídos à Filosofia apresentando, num primeiro momento, respostas que parecem contradizer-se. O que é então a Filosofia?

Se perguntarmos a dez físicos ‘o que é a física?’, eles responderão, provavelmente, de maneira parecida. O mesmo se passará, provavelmente, se perguntarmos a dez químicos ‘o que é a química?’. Mas se perguntarmos a dez filósofos ‘o que é a filosofia?’, ouso dizer que três ficarão em silêncio, três darão respostas pela tangente, e as respostas dos outros quatro vão ser tão descontraídas que só mesmo outro filósofo para entender que o silêncio de uns e as respostas dos outros são todas abordagens possíveis à questão proposta (REZENDE, 1992, p.12).

Segundo a tradição a palavra “filo-sofia” teria sido criação de Pitágoras. Para Reale, o termo foi certamente cunhado

por um espírito religioso que pressupunha só ser possível aos deuses uma sofia (sabedoria), ou seja, uma posse certa e total do verdadeiro, uma contínua aproximação ao verdadeiro, um amor ao saber nunca saciado totalmente, de onde, justamente, o nome ‘filo-sofia’, ou seja, amor pela sabedoria (1990, p.21).



Inicialmente a Filosofia pretende explicar as coisas em sua totalidade, toda a realidade, sem excluir partes ou momentos dela. A Filosofia, quanto ao método, visa a ser uma explicação racional para aquela totalidade e seu objetivo está no desejo de conhecer e contemplar a verdade. A Filosofia grega é o amor desinteressado pela verdade.

As disparidades dos conceitos tratadas em Abbagnano (2000, p.442) traduzem uma variedade de significações e, segundo o autor, o que mais se presta a relacionar e articular as diferentes concepções do termo está em Platão (Eutidemo): “é o uso do saber em proveito do homem”.

No livro *Convite à Filosofia*, Marilena Chauí traz pelo menos quatro definições gerais do que seria a Filosofia:

1. Visão de mundo de um povo, de uma civilização, de uma cultura. Identificando aqui Filosofia e Cultura poderíamos definir Filosofia como um conjunto de ideias, valores e práticas pelas quais a sociedade aprende e compreende o mundo e a si mesmo, definindo tempo e espaço, o sagrado e o profano, o contingente e o necessário, etc.
2. Sabedoria de vida onde a Filosofia é identificada com a ação de algumas pessoas que pensam sobre a vida moral, dedicando-se a contemplação do mundo para com ele aprender e controlar suas vidas ética e sabiamente.
3. Esforço racional para conceber o Universo como uma totalidade ordenada e dotada de sentido, iniciando-se a distinção entre Filosofia e Religião.
4. Fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas ocupando-se a Filosofia com as condições e os princípios do conhecimento que pretenda ser racional e verdadeiro; com a origem, a forma e os conteúdos dos valores éticos, políticos, culturais, etc.

Filosofia é tomada também como uma reflexão sobre a totalidade das coisas a partir de problemas impostos pela realidade sobre nós, os indivíduos, ou ainda tudo aquilo que a realidade nos coloca como seres sociais. A dimensão social de uma problemática atinge a cada um de uma forma particular, mas ao mesmo tempo atinge a todos como componentes de um grupo, de uma entidade, de uma família (OLIVEIRA, 1990, p.16).

A Filosofia tem a característica, então, de uma reflexão buscando compreender o sentido da realidade, do homem e suas relações com os outros e com a natureza, do trabalho, da cultura e da história do próprio homem. Independente de conceituação, passar do senso comum para a atitude filosófica significa passar de uma concepção simplista a uma atitude reflexiva intencional, coerente, dirigindo indagações ao mundo que nos rodeia e às relações que com ele temos. E refletir significa voltar atrás, significa fazer retroceder num movimento de retorno no qual o pensamento volta-se para si mesmo, um repensar capaz de avaliar o “grau de adequação que mantém com os dados objetivos de medir-se com o real” (SAVIANI, 1980, p.23). Refletir está ligado dessa maneira, ao retornar, examinar com cuidado a atenção e “isto é filosofar” (idem, p.23).

Ainda no mesmo autor (p. 24-25) encontramos que a reflexão é propriamente filosófica quando é “radical, rigorosa e de conjunto”. Para Saviani, a Filosofia é radical, pois exige que o problema seja colocado em termos radicais, isto é, que se busque as raízes das questões, até seus fundamentos. É rigorosa, procedendo-se sistematicamente e segundo métodos determinados, questionando-se as conclusões do senso comum e as generalizações apressadas que a ciência pode produzir. A Filosofia envolve uma reflexão de conjunto na medida em que é globalizante, não se podendo examinar um problema de modo parcial. Enquanto as ciências examinam partes da realidade, a Filosofia visa atingir a totalidade. Aqui a presença do elo entre a Filosofia e as diversas formas do agir e saber humanos: a interdisciplinaridade.

O homem está em contato com o mundo que o cerca a partir de circunstâncias, necessidades e da cultura onde se insere tendo destaque as abordagens religiosas, do senso comum, filosóficas, artísticas, científicas, etc. A realidade constatada pelo homem não se limita apenas aos objetos naturais ou artificiais, consistentes fisicamente, mas ela é o próprio significado resultante das relações sociais dentro de um contexto determinado. Ao criticá-la, projeta um futuro em que outra realidade será construída.

Para Paviani,

a percepção e a transformação da realidade, o modo de pensar, agir e sentir a realidade enquanto processo fundamental das relações sociais se identifica perfeitamente como processo educacional. Isto significa que a educação, antes de ser uma atividade formal e profissional, em outras palavras, algo distinto da realidade, algo justaposto à realidade, constitui-se com ela um único fenômeno (1986, p. 41).

A realidade pragmática do mundo contemporâneo voltado para a praticidade e imediata aplicação dos conhecimentos pode identificar a Filosofia como uma ocupação inútil. Mas é pela reflexão filosófica que o homem torna-se possível adquirir postura diferente do agir imediato comum do cotidiano. É a Filosofia que nos faz questionar e avaliar com o necessário distanciamento os fundamentos dos atos humanos e os fins a que se destinam.

Entendidas essas formulações, poderemos expressar o conceito que Saviani (1980, p. 27) expressa para a Filosofia: “uma reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade apresenta”. O mesmo autor conclui a respeito do significado de Filosofia da Educação: “Reflexão (radical, rigorosa e de conjunto) sobre os problemas que a realidade educacional apresenta” (p.27) somente será indispensável para a formação do educador “se ela for encarada tal como estamos propondo” (idem).

Poderíamos nos perguntar a partir da necessidade de reflexão para um bom exercício da Filosofia e da Educação: Quais são os fins da educação? Para que educar? Quais os objetivos da educação brasileira? Como é possível superar os condicionantes de uma educação nacional sabidamente problemática? O que é uma boa educação? O que é ser um bom professor? O que entendemos por uma boa aula e uma boa escola? Quais os requisitos para uma formação voltada para a cidadania? Como interpretamos as diferentes noções de cidadania? Quem é o educando? Quem é o educador? Perguntas como essas poderiam auxiliar na construção de um sentido crítico às atividades docentes, fugindo do espontaneísmo e do senso comum, possibilitando uma ação educacional mais coerente e eficaz.

Se compactuarmos dos conceitos de Saviani em relação ao radical, rigoroso e de conjunto na investigação filosófica a partir dos problemas de nossa existência é inevitável que, dentre eles, estejam os relacionados à educação. O caráter problemático da atividade educacional pode ser mensurado a partir das questões acima levantadas, o que faz da reflexão filosófica, a princípio, uma necessidade para o educador. Cabe ao professor/filósofo acompanhar a ação pedagógica de maneira a promover a passagem de uma educação “assistemática (guiada pelo senso comum) para uma educação sistematizada (alçada ao nível da consciência filosófica)” (SAVIANI, 1980, p.54).

Para uma ação pedagógica mais humana como enfatizado por Paulo Freire na “Pedagogia da Autonomia” e para uma educação mais lúcida e coerente, os envolvidos no processo de formação necessitam acompanhar crítica e reflexivamente a atividade educacional para explicitar a respeito de que homem se quer formar e dos pressupostos de apropriação e construção do conhecimento que estão subjacentes aos métodos e procedimentos utilizados.

A tarefa da Filosofia da Educação estará assim, orientada a oferecer aos docentes uma possibilidade de reflexão diante dos problemas educacionais e encaminhando soluções. Cabe a ela examinar a partir de qual concepção de homem se deseja educar. Não há como direcionar objetivos educacionais se não tivermos claros os valores determinantes de nossa ação. No entender de Fullat, “a pertinência da Filosofia da Educação adquire sua real importância se formos capazes de ver que o fenômeno educacional está fortemente ligado à questão: ‘O que é um ser humano?’” (1995, p. 78).

Existem, como vimos, diferentes maneiras de se conceber a Educação e a Filosofia. As grandes funções da Filosofia e da Educação não podem se limitar ao estudo repetitivo dos textos filosóficos à análise dos conceitos ou enunciados, ou a maneira ‘dita profunda’ de entender as questões que a ciência ignora ou não tem meios para investigar (PAVIANI, 1986, p.17).

Questionando sobre a Educação, tem-se como importante que a Filosofia não permita a dogmatização da Pedagogia nem que a educação se “transforme em adestramento ou qualquer outro tipo de pseudoeducação” (ARANHA, 2002, p. 108).

Para além da qualificação técnica e científica espera-se que a formação do professor contemple profundos pressupostos filosóficos e disciplinas como Filosofia da Educação são justificáveis a partir do amadurecimento humano do educador. A preparação do pedagogo deverá então, estar voltada a um projeto existencial para a comunidade brasileira englobando aqui, a politização e a fundamentação filosófica de sua atividade. Difícil é entender um projeto educacional fora de um projeto político, antropológico, que articule o destino das pessoas ao de uma comunidade humana afastado de uma visão de totalidade.

### A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A história da educação brasileira tem seu marco inicial no ano de 1549 com a chegada de Tomé de Souza e, com ele, quatro padres e dois irmãos jesuítas comandados por Manoel da Nóbrega. Este elabora um plano de instrução que iniciava pelo aprendizado da língua portuguesa, destinado aos nativos e seguia com a evangelização cristã, a escola para ensinar a ler e a escrever e o estudo da gramática latina para os jovens destinados a frequentar cursos superiores na Universidade de Coimbra.

O plano de Nóbrega tinha duas orientações, uma universalista, pois se tratava de um modelo adotado por todos os jesuítas em todos os lugares onde estivessem. Uma outra elitista, acabando por se destinar aos filhos dos colonos excluindo, de início, os indígenas. Os colégios jesuítas foram assim convertidos em meios para a formação da elite colonial. Inicialmente começariam com o curso de Humanidades seguindo-se com Filosofia e Teologia e posterior viagem de estudos para a Europa. Os cursos de Filosofia e Teologia viram-se limitados à formação de padres catequistas. O que foi organizado, na prática, esteve ligado às humanidades, com duração de seis anos e com conteúdos relacionados ao trivium da Idade Média: gramática (quatro anos); dialética e retórica (um ano cada).

A gramática tinha a função de garantir a expressão clara e precisa; a dialética para assegurar a expressão rica e a retórica para uma expressão convincente. Até a expulsão dos jesuítas em 1759, esta concepção humanista tradicional, com vertente religiosa, e caracterizada por uma visão essencialista de homem, constituído por uma essência universal e imutável, dominou a educação brasileira. No aspecto religioso, o homem tendo sido feito à imagem e semelhança de Deus é, em essência, criação divina devendo se empenhar em atingir a perfeição humana na vida natural para merecer a vida sobrenatural. Essa proposta vem inspirada no tomismo, uma articulação entre o pensamento aristotélico e a tradição cristã.

Mesmo com a expulsão dos jesuítas a linha religiosa não deixou de influenciar a educação no Brasil. Espaços foram abertos para outras correntes, podendo ser agrupadas em quatro concepções fundamentais (SAVI-

ANI, 1998, p. 20): Concepção humanista tradicional; Concepção humanista moderna; Concepção analítica e Concepção dialética.

A corrente humanista tradicional mantém a visão essencialista de homem. Essa essência humana, em lugar de ser entendida como criação divina, é associada à natureza humana. O homem é uma essência imutável, cabendo à educação “conformar-se a essa essência humana” (SAVIANI, 1998, p. 24). Nesta corrente a presença do tomismo e da vertente leiga, centrada esta na ideia de natureza humana inspiradora da construção dos sistemas públicos de ensino com as características da laicidade, obrigatoriedade e gratuidade.

O século XVIII traz consigo a crença nas luzes da razão e o movimento iluminista vem associado à proposta de uma escola pública gratuita, leiga e obrigatória. O Brasil não chega a ser grandemente influenciado pelo movimento iluminista. Apenas no século seguinte tomam corpo ideias cada vez mais distanciadas da influência religiosa. O positivismo tem presença influente na educação brasileira no final do século XIX e início do século XX. Pareceres de Rui Barbosa e Benjamin Constant procuram introduzir disciplinas científicas nos currículos escolares.

Na República formaliza-se a separação entre Igreja e Estado declarando esta sua neutralidade em relação ao culto religioso. Em decorrência, o ensino religioso é suprimido nas escolas públicas. No período da primeira República os pioneiros da nova proposta educacional terão como oponentes os representantes da corrente religiosa, constituindo-se os católicos os defensores do tradicionalismo pedagógico.

As primeiras décadas do século XX caracterizam-se pelo debate de ideias com base na extensão universal, através do Estado, do processo de escolarização considerado instrumento de participação política. O centro do entendimento leigo é a transformação pela escola, dos indivíduos ignorantes em cidadãos esclarecidos. É nesse período que a pedagogia tradicional é superada pela concepção moderna revelando sua força na capacidade de organização abrangendo correntes como o pragmatismo, o existencialismo, o historicismo e a fenomenologia.

Diferente da concepção tradicional, a visão de homem vem centrada na existência, na vida, na atividade. A existência precede a essência não se encarando mais a existência como mera atualização das potencialidades contidas a priori na essência. Já não há uma natureza humana, a natureza humana é mutável, determinada pela existência. Na visão tradicional dá-se ênfase ao adulto considerado pronto, acabado, por oposição à criança, ser imaturo e incompleto. A educação aqui é centrada no educador, no intelecto, no conhecimento. Na visão moderna, o adulto não pode se constituir em modelo, uma vez que nasce completo e permanece inacabado até morrer. A educação passa a centrar-se no educando, na vida, na atividade, tratando-se de uma teoria pedagógica onde o importante é aprender a aprender.

Admitem-se formas descontínuas de educação determinadas pelo ritmo vital de cada um, pelas diferenças existenciais e também na medida em que os momentos realmente educativos são considerados raros, instantâneos, passageiros. Como diz Saviani, “são momentos de plenitude, porém fugazes e gratuitos” (1998, p. 26).

Se considerarmos equilibradas as primeiras décadas do século passado em relação às tendências da concepção humanista tradicional (representada especialmente pelos católicos) e humanista moderna (representada pelos inovadores – Anísio Teixeira) tem-se a partir do final da Segunda Grande Guerra a predominância da concepção humanista moderna de filosofia da educação.

A concepção humanista moderna predominou no país a partir de 1945 e, no início dos anos cinquenta há um empenho muito grande das escolas católicas em estar presentes no movimento renovador das ideias pedagógicas. No final do mesmo período o processo de mobilização popular é intensificado tornando-se temas presentes a cultura e a educação popular.

No início dos anos setenta, onde o tecnicismo busca a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo operacional e objetivo, a concepção analítica da educação passa a ter maior desenvolvimento. Esta não pressupõe uma visão de homem nem um sistema filosófico geral, mas pretende levar para a filosofia a tarefa da análise lógica da linguagem educacional. Tanto a concepção tecnicista como a analítica de Filosofia da Educação se baseiam nos mesmos pressupostos de racionalidade, de objetividade e de neutralidade, colocados como condição de cientificidade.

À concepção dialética interessa o homem concreto como “síntese de múltiplas determinações” (SAVIANI, 1980, p. 27). O homem, visto como conjunto das relações sociais. Esta concepção está presente desde o início em todas as correntes e movimentos sociais, por serem compreendidas no contexto histórico da estrutura da sociedade.

### **MOMENTO PARA UMA REFLEXÃO NA EDUCAÇÃO**

A tendência atual na educação brasileira procura integrar os aspectos formais e materiais do ensino com os direcionados às transformações sociais. Valoriza a escola enquanto mediadora entre o aluno e a cultura desempenhando seu papel pela transmissão e assimilação dos conhecimentos inseridos na prática social. Partindo da compreensão das diferentes visões da pedagogia, a pedagogia dos conteúdos procura proceder a uma análise histórica do contexto e seus condicionantes, que atuam na formação do ser social. A escola é considerada como resultado de necessidades e exigências sociais dando-lhe caráter de transitoriedade de cada modalidade e ação formativa existente. Se analisarmos a educação brasileira a partir do

que encontramos em nossas escolas, podemos dizer que as tendências aqui abordadas estão presentes, de alguma maneira, na prática pedagógica dos educadores. Como esses professores analisam sua prática pedagógica?

A tarefa docente não se reduz a um mero repasse de conteúdos e na crença de que ocorre uma apropriação espontânea pelos alunos. A prática educativa reveste-se de uma transmissão e assimilação simultâneas, onde o professor atua trazendo um conhecimento sistematizado e onde o aluno é capaz de reconstruí-lo com os recursos disponíveis para a situação de aprendizagem. O ponto de partida e o de chegada nesse processo é a prática social. Supõe-se um trabalho competente do professor, tanto no domínio metodológico, como no domínio da matéria e seu conhecimento do grupo social da escola e de onde esta está inserida, para que sua tarefa tenha efeitos formativos relevantes para as pretensas transformações sociais.

À Filosofia da Educação cabe refletir sobre os caminhos da educação. Não tem como finalidade fixar princípios e objetivos, não se reduzindo a uma “teoria geral da educação enquanto sistematização dos seus resultados” (SAVIANI, 1980, p.30). Sua função será a de acompanhar como é produzida a realidade humana no seu conjunto, que significado tem certos conteúdos, métodos e eventos pedagógicos no âmbito das relações sociais, de maneira crítica e reflexiva, de modo a explicitar os seus fundamentos, entender a contribuição das disciplinas pedagógicas e avaliá-las quanto à sua significação.

Com a disciplina de Filosofia da Educação disponibilizada para todas as Licenciaturas acreditamos possível que, com uma reflexão rigorosa necessária para a ação pedagógica, esta resultará em uma atividade mais coerente com sua proposta transformadora. As atuais condições em que são oferecidas as oportunidades de ensino no país, passam por um urgente redirecionamento das estruturas educacionais. A Filosofia da Educação Brasileira, disciplina relativamente nova em nossos currículos, traz consigo a possibilidade de uma reflexão que atinja as raízes, sinalizando com novas perspectivas para um conjunto de alterações na formação de professores em nossas licenciaturas.

## CONCLUSÃO

Podemos concluir que a Filosofia tem fundamental importância na atividade docente ao possibilitar o ato de reflexão e problematização das questões inerentes a esta prática social. Esta área do conhecimento pode ser uma aliada do professor por instigar o desenvolvimento do senso crítico, através dos referenciais teóricos, para que possam ser pensadas e/ou implementadas mudanças no ensino. Percebemos ainda que os objetivos da educação refletem cada período histórico e o educador, por sua vez, pode superar os desafios de cada momento, através da adoção de uma postura reflexiva, associando as questões educacionais às filosóficas.



### RESUMO

O texto utilizado na aula de hoje foi produzido a partir da experiência docente do Prof. Valdemir Guzzo, na disciplina Filosofia da Educação. Tivemos como objetivo esclarecer a importância do processo reflexivo para construção de sua identidade profissional, delineando assim, novas perspectivas para formação docente nos cursos de licenciatura. Questionamentos sobre o conceito de educação e dos elementos presentes neste processo são abordados à luz da História da Educação, instigando-nos a pensar sobre o nosso papel enquanto educadores e agentes transformadores de uma sociedade dinâmica.



### ATIVIDADES

1. Conceituar Filosofia.
2. Explicar como a Filosofia da Educação contribui na formação do educador.
3. Evidenciar a relação entre filosofia e educação.
4. Para você qual a importância da disciplina Filosofia da Educação nos cursos de Licenciatura?
5. Faça uma linha do tempo com os marcos históricos da educação citados no texto.
6. Pesquise na internet o que diz a legislação sobre o ensino de Filosofia na educação básica e procure saber se na sua cidade ela já é obrigatória nas escolas.



### PRÓXIMA AULA

Na aula seguinte abordaremos a Política Educacional Brasileira.



## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 4 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALVES, R. O preparo do educador. In: C. R. BRANDÃO (org.), **O educador: vida e morte**. 7 ed., Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- ARANHA, M. L. **Filosofia da Educação**. 2 ed., São Paulo: Moderna, 2002.
- ARISTÓTELES. **A Política**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. 33 ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 7 ed. São Paulo, Ática, 1998.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 4ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- FULLAT, O. **Filosofia da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GADOTTI, M. **História das idéias pedagógicas**. 2 ed., São Paulo: Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Concepção dialética de educação: um ensino introdutório**. 9ª ed., São Paulo: Cortez, 1995.
- GUZZO, V. A reflexão filosófica na educação. **UNIVISTA**, São Leopoldo-RS, v. 1, n. 2, abr. 2006.
- JAEGER, W. **Paidéia: A formação do homem grego**. 3 ed., São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: A pedagogia crítico-social dos Conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1993.
- LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MORAIS, R. de. **O que é ensinar**. São Paulo: EPU, 1986.
- OLIVEIRA, A. S. de (org.) **Introdução ao pensamento filosófico**. 4 ed., São Paulo: Loyola, 1990.
- PAVIANI, J. **Problemas de Filosofia da Educação**. 3 ed., Caxias do Sul: EDUCS, 1986.
- REALE, G. e ANTISERI, D. **História da Filosofia**. Vol. I. 3 ed., São Paulo: Paulus, 1990.
- REZENDE, A. (org.) **Curso de Filosofia**. 5 ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- SANTOS, L. P. Educação básica. Currículo e formação de professores. In: **Presença Pedagógica**, vol. 3, n. 17. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.
- SANTOS, M.M.C. (org.) **Projeto Pedagógico UCS Licenciaturas**. Formação Comum. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.
- SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Educação Brasileira: estrutura e sistema**. 8 ed., Campinas: Autores Associados, 2000.
- \_\_\_\_\_. Tendências e correntes da educação brasileira. In: MENDES, D. T. (org.) **Filosofia da Educação Brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- TORRES, R. M. **Educação para todos: a tarefa por fazer**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.